

TEMPO E ESPAÇO NA LEITURA DAS AÇÕES DOS MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS E SOCIOESPACIAIS

Fernando Freitas de Almeida

Doutorando em Geografia
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
fernando.f.almeida@unesp.br

Leonardo Lencioni Mattos Santos

Mestre em Geografia
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)
leonardo.lencioni@sou.unifal-mg.edu.br

Amanda Emiliana Santos Baratelli

Doutoranda em Geografia
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
amanda.baratelli@unesp.br

INTRODUÇÃO

A presente nota conceitual destina-se àqueles e àquelas que se dedicam a produzir análises, que servem como referência fundamental na construção do banco de dados da Rede DATALUTA. Encontramos nos veículos de comunicação as informações para a construção de nossas leituras sobre ações coletivas dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais.

Este estudo tem centralidade nas categorias espaço-tempo, indissociáveis em uma reflexão crítica. É a partir desses pressupostos que desenvolvemos a presente orientação, sobretudo, às mídias populares e àquelas e àqueles que, mesmo nas mídias corporativas, estão comprometidos com a produção de notícias sobre ações coletivas.

Dentro de nossa metodologia de coleta de informações, a partir de algoritmos do *Google*, houve um aproveitamento, por exemplo, em 2020, de aproximadamente um quinto das notícias direcionadas para análise. Os descartes ocorridos foram, sobretudo, pela falta da indicação de tempo (data de ocorrência da ação) e/ou por não terem a indicação do lugar em que tal ação ocorreu. Neste sentido, a metodologia adotada incorporou somente as notícias que indicavam a localização (município) e a data dos acontecimentos.

É por este motivo que, nesta nota, objetivamos convidar todas as pessoas responsáveis pela produção de informações sobre ações coletivas dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais a identificar e sinalizar, sempre que possível, o espaço e o tempo destas ações, haja vista que isso contribui enormemente com o nosso banco de dados.

Vale ressaltar que o espaço, como categoria e o tempo, como conceito são fundamentais e atravessam todas as nossas análises. A compreensão da relação espaço-tempo como totalidade qualifica nossas leituras e coloca o banco de dados e o Relatório DATALUTA como referências nas reflexões sobre as ações dos movimentos. Discorreremos

sobre a relação espaço-tempo e sua importância para as análises dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais e as principais fontes das mídias populares e corporativas que contribuem para a análise.

ESPAÇO E TEMPO NA ANÁLISE GEOGRÁFICA

O espaço é aqui compreendido a partir de sua multidimensionalidade e multiescalaridade, como produto e condição das relações sociais; ao mesmo tempo em que é uma totalidade, ele também é parte/dimensão da realidade (FERNANDES, 2005). Neste sentido, a categorização de espaço é processual e relacional, ou seja, entendemos o espaço enquanto produto e produtor das relações sociais no contexto histórico. Isso significa que, dialeticamente, o tempo se materializa no espaço, bem como as consequentes conflitualidades que os reconfiguram (SAQUET, 2015; FERNANDES, 2009). Assim, em nossa análise, tempo e espaço são indissociáveis.

O espaço se apresenta nas ações coletivas, em escalas geográficas, com datas específicas, mas também sendo parte de um movimento geral de resistência que compõe a totalidade das ações coletivas:

O espaço é parte da realidade, portanto, multidimensional. Para uma eficaz análise conceitual é necessário definir o espaço como composicionalidade, ou seja, compreende e só pode ser compreendido em todas as dimensões que o compõem. Essa simultaneidade em movimento manifesta as propriedades do espaço em ser produto e produção, movimento e fixidez, processo e resultado, lugar de onde se parte e aonde se chega. Por conseguinte, o espaço é uma completitude, ou seja, possui a qualidade de ser um todo, mesmo sendo parte. Desse modo, o espaço geográfico é formado pelos elementos da natureza também e pelas dimensões sociais, produzidas pelas relações entre as pessoas, como a cultura, política e a economia. As pessoas produzem espaços ao se relacionarem diversamente e são frutos dessa multidimensionalidade (FERNANDES, 2005, p. 26).

Para que estas ações sejam compreendidas em profundidade, é necessária a compreensão da relação espaço-tempo, ou seja, analisar as espacialidades e as temporalidades. Do mesmo modo que o espaço, o tempo pode ser entendido enquanto uma composicionalidade: é uma totalidade ao mesmo tempo que é uma dimensão da realidade. De totalidade abstrata, uma vez que é vivido e sentido de formas diferentes pelas pessoas, torna-se dimensão a partir de sua materialização, ou seja, de sua concretização no espaço. Faremos uma breve discussão sobre o conceito de tempo a fim de demonstrarmos a relação

dialética entre tempo e espaço, enquanto produtos e produtores das relações sociais e, mais especificamente, das ações de movimentos socioespaciais e socioterritoriais.

Não visamos aqui esmiuçar tal debate, mas apresentar algumas questões que acreditamos serem fundamentais para a compreensão das ações dos movimentos, bem como para destacarmos a necessidade de que as notícias tragam a data e o tempo de duração das ações. Um primeiro elemento que apontaremos é a ideia de um tempo padrão, aquele registrado pelos ponteiros dos relógios:

A unicidade do tempo não é apenas o resultado de que, nos mais diversos lugares, a hora do relógio é a mesma. Não é somente isso. Se a hora é a mesma, convergem, também, os momentos vividos. Há uma confluência dos momentos como resposta àquilo que, do ponto de vista da física, chama-se de tempo real e, do ponto de vista histórico, será chamado de interdependência e solidariedade do acontecer. Tomada como fenômeno físico, a percepção do tempo real não só quer dizer que a hora dos relógios é a mesma, mas que podemos usar esses relógios múltiplos de maneira uniforme (SANTOS, 2001, p. 14).

Para a leitura do espaço geográfico, um primeiro elemento fundamental, que abarca o conceito de tempo é a existência de um tempo padronizado tal qual os horários dos relógios, fusos e datas (dia, mês, ano etc.). Sem conhecermos o momento no qual determinada ação ocorreu torna-se impossível analisar as formas de produção, reprodução ou mediação do espaço geográfico e dos territórios que se deram com a realização desta ação. Porém, o conceito de tempo não se limita a essa questão, Santos (2001) ainda aponta que a unicidade está diretamente relacionada com o processo histórico, as interdependências das relações sociais e a materialização deste tempo no espaço geográfico.

Como forma de esclarecer tal relação espaço-temporal, dividiremos a análise sobre o conceito de tempo em duas partes: 1) tempo de coexistência/convivência e 2) tempo histórico (SAQUET, 2015). Destacamos que as duas dimensões temporais supracitadas se relacionam de forma unitária, se arrumando em um único complexo espaço-temporal que se materializa nas mais diferentes escalas:

a) o tempo de coexistência correspondente às simultaneidades no espaço, ou seja, aos fenômenos e processos que ocorrem ao mesmo tempo, no mesmo lugar ou entre lugares diferentes, apreendidos apenas por meio de uma abordagem relacional; (b) o tempo histórico, entendido como fluxo contínuo, em que a definição de períodos, inícios e fins é relativa e aproximada; tempo é duração e movimento; descontínuo, com *saltos* e *superações* na perspectiva dialética trabalhada por Lefebvre (1969/1995). A unidade desses tempos está na relação espaço-tempo (SAQUET, 2015, p. 74, tradução nossa).

Para os estudos sobre o espaço geográfico é fundamental considerar a relação entre diacronia (tempo histórico) e sincronia (tempo de coexistências). Esta relação nos permite reconhecer a combinação entre passado-presente-futuro formada a partir de uma série de processos dialéticos de superposições e coexistências que se materializam no espaço (SAQUET, 2015, p. 76). Santos (1996) aponta para a coexistência de tempos diversos no espaço geográfico, sendo este composto por objetos (prédios, casas...) de tempos históricos diferentes e que possuem funcionalidades diversas influenciadas pelo sistema de ações (relações de produção, relações sociais, entre outras).

Em síntese, a temporalidade é fundamental para a compreensão do espaço uma vez que permite o entendimento da coexistência de objetos produzidos em tempos passados e presentes, influenciando e mudando de funções de acordo com o processo histórico. Os sistemas de ações e sistemas de objetos produzem limites e possibilidades para o futuro, ao condicionarem as relações sociais, as formas de uso do espaço e as atividades produtivas capazes de serem realizadas no contexto espacial.

Isso significa que não é possível compreender os processos e fenômenos que produzem e/ou modificam o espaço geográfico, sem se levar em consideração como as relações sociais interagem entre si e com o espaço (tempo de coexistência), e como o processo histórico condiciona os limites e possibilidades para a reprodução de tais relações. Esse processo se dá de forma dialética, o que significa que os sistemas de ações, os sistemas de objetos e as temporalidades também podem ser modificadas de acordo com as relações sociais e as formas como estas se espacializam e/ou territorializam. Aqui se inserem as ações coletivas, ao mesmo tempo em que as demandas e/ou proposições dos movimentos são condicionadas pelo espaço e pelas temporalidades (coexistência e processo histórico), elas também representam formas de mediação e produção de novos espaços e territórios.

As temporalidades são fundamentais para a determinação e caracterização do espaço e do território. Isso decorre do fato de que o processo histórico condiciona a produção e a organização do espaço a partir de diferentes relações sociais, por exemplo, a reprodução do modo de produção capitalista e das relações não capitalistas. É no espaço e no território que as temporalidades se materializam e é a partir das determinações políticas que se apresentam os limites e as possibilidades para a materialização destas temporalidades. Ao se materializarem, essas temporalidades se transformam em espacialidades e/ou territorialidades, ou seja, se transformam em espaços e territórios diversos entre si, mas unidos enquanto parte de uma mesma totalidade espaço-temporal.

As ações dos movimentos não podem ser entendidas se dissociadas do tempo, pois é a partir do processo histórico e das coexistências (SANTOS, 1996) que este conjunto de ações com características multidimensionais e multiescalares se desenvolve. Os sistemas de ações e objetos são fundamentais na diferenciação e na modificação social, criando características

na totalidade. Se a totalidade influencia as ações coletivas, as ações modificam a totalidade, em uma relação dialética entre o mundo vivido e o espaço visto na totalidade.

Além disso, existe uma pluralidade de ritmos que podem também ser entendidos enquanto uma acumulação desigual de tempos no espaço, como propõe Santos (1978), ou enquanto temporalidades de coexistências, como aponta Saquet (2015). Neste sentido, o espaço é constituído por uma superposição de tempos históricos e tempos de existência; esta superposição ocorre através das relações entre os elementos (sistemas de ações e objetos) de distintas idades (temporalidades) e de idades similares, de forma sincrônica. Por isso, não existe uma homogeneidade temporal no espaço e nos territórios, mas sim uma heterogeneidade de tempos em cada unidade espacial de análise:

O novo não alcança todos os lugares ao mesmo tempo, nem é necessariamente objetivado ao mesmo tempo com o mesmo ritmo e com a mesma intensidade em diferentes atividades e lugares. Os tempos se concretizam em diferentes lugares e simultaneamente, com ritmos lentos ou mais rápidos (SAQUET, 2001/2003, p. 21).

Dialeticamente, as ações dos movimentos, ao produzirem, reproduzirem e/ou mediarerem espaços e territórios em prol dos ideais e objetivos de suas lutas também impactam na coexistência de tempos diferentes (temporalidades de coexistências) e no processo histórico (tempo histórico). Assim, tanto as determinações políticas, econômicas, culturais e o processo histórico configuram as possibilidades de formas, usos e mediações do espaço e dos territórios, como estas formas, usos e mediações podem se configurar enquanto ferramentas políticas para a contestação e para a luta contra essas determinações. As temporalidades das ações nos permitem compreender como a coexistência de tempos diversos (sincronia) e o processo histórico (diacronia) influenciam diretamente na produção do espaço e dos territórios, ao mesmo tempo em que as ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais também afetam os tempos sincrônico e diacrônico.

O que buscamos demonstrar é que a divisão entre tempo histórico e tempo de coexistências existe somente para facilitar a compreensão da totalidade, entendida por nós enquanto a unidade do diverso (MARX, 2008). Neste sentido, tanto os processos diacrônicos quanto os sincrônicos formam uma unidade de diversidade que caracteriza o conceito de tempo, materializado no espaço pelas relações sociais de maneiras diferentes: harmoniosas e/ou conflituosas.

Como forma de exemplificar tal questão, destacamos os dados referentes às ações de movimentos socioespaciais e socioterritoriais do campo ocorridas no espaço urbano brasileiro em 2020. As ações de solidariedade foram um dos tipos de ação matriz mais frequente para tal ano, englobando doações de alimentos, produtos de assepsia e arrecadação de dinheiro. Sem compreender o processo histórico, ou seja, a ocorrência de uma pandemia e a falta de

ação do governo Bolsonaro para evitar a disseminação do vírus e para garantir a renda das famílias brasileiras, não é possível compreender o motivo das ações de solidariedade terem sido tão relevantes em 2020.

Em relação aos movimentos que mais realizaram ações de solidariedade em 2020, destaca-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Se ignorarmos a coexistência de tempos diferentes (gerados por relações sociais diferentes) no espaço não poderíamos analisar em profundidade os motivos de um movimento socioterritorial camponês ser responsável pela maioria das ações de solidariedade no espaço urbano. Isso decorre do fato de que as relações sociais produtoras de e produzidas na luta pela/na terra são permeadas por intencionalidades diferentes das presentes no agronegócio, por exemplo.

Camponesas e camponeses organizados no MST utilizam da mediação do espaço geográfico urbano para a promoção dos ideais da Reforma Agrária Popular, como as ações de solidariedade, e para denunciar violências, processos ou ações perpetuadas por outras instituições (Estado, empresas), como as ocupações de prédios públicos. No plano do território, em uma perspectiva multiescalar, as unidades de produção camponesas são formadas por relações sociais diferentes daquelas empregadas nas unidades de produção do agronegócio, estas últimas baseadas predominantemente na relação entre capital-trabalho (CHAYANOV, 1966; VAN DER PLOEG, 2008).

Neste sentido, as ações de solidariedade partem dos territórios camponeses e se realizam no espaço urbano enquanto forma de promoção dos ideais e da intencionalidade da Reforma Agrária Popular e enquanto ferramenta política de contestação das relações sociais perpetuadas pelo agronegócio. Em um momento de crise econômica e social, no caso da pandemia de COVID-19, milhões de brasileiros e brasileiras enfrentaram o aumento vertiginoso das taxas de insegurança alimentar (PENSSAN, 2022) enquanto o agronegócio apresentou recordes de lucro e de produção (G1, 2021); a postura adotada pelo MST foi de organizar sua militância e sua produção de alimentos para a realização de ações de solidariedade.

Se a unidade dos tempos está na relação espaço-tempo (SAQUET, 2015, p. 74), apenas é possível compreender o espaço se invertermos tal lógica: a unidade dos espaços está na relação tempo-espaço. Com isso, buscamos destacar a importância da escala temporal para a discussão das questões espaciais: as instituições (e aqui também se inserem os movimentos socioespaciais/territoriais) são influenciadas pelos tempos de coexistência e pelo processo histórico. À sua maneira cada uma destas instituições, influenciadas pela dimensão temporal, irá construir, mediar ou reconfigurar espaços e territórios de acordo com suas ideologias e formas de atuação. Por isso, a escala temporal é tão fundamental para que pesquisadores e pesquisadoras da Rede DATALUTA possam analisar as ações coletivas e

as formas de apropriação, criação e recriação dos espaços e territórios pelos movimentos socioterritoriais e socioespaciais.

A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DE DATA E LOCAL PARA METODOLOGIA E ANÁLISE DO DATALUTA

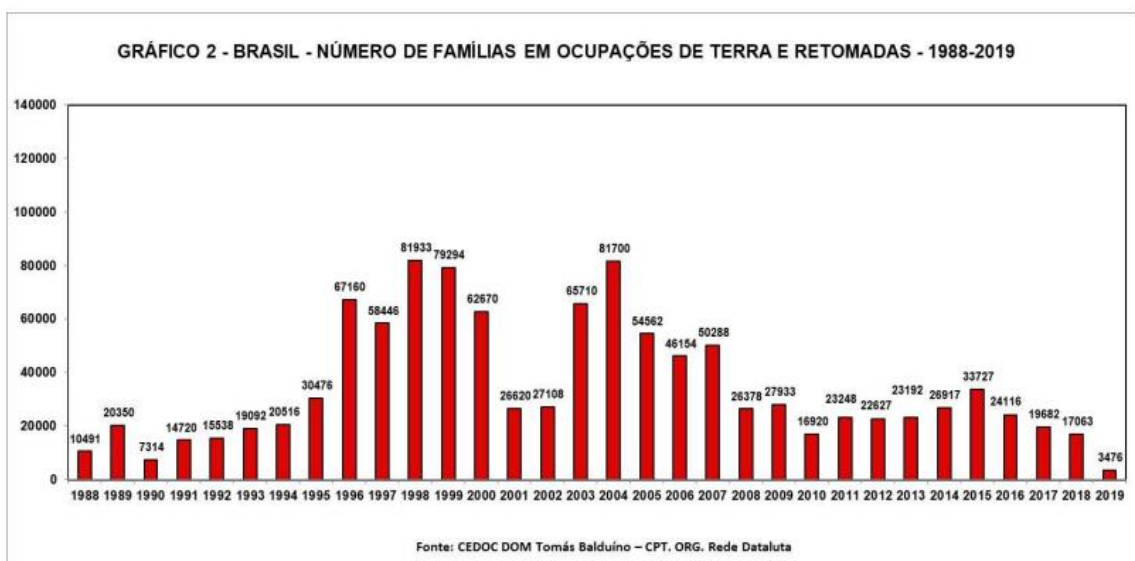
A metodologia proposta para o relatório DATALUTA abarcou a elaboração de tabelas com informações pontuais, quadros com dados numéricos sistematizados, gráficos com elementos de temporalidade e espacialidades, bem como mapas para a espacialização das ações e dos movimentos. Para isso, foi fundamental a compreensão da relação tempo-espaço, alicerçada onde e quando aconteceram as ações, quais ações se repetem, suas singulares, a espacialidade e a territorialidade destas.

Os quadros produzidos pelo DATALUTA têm como fundamento a definição das macrorregiões, dos estados, municípios e o ano de ocorrência das ações, como forma de criar agrupamentos de dados, que possibilitem compreender quais ações que mais se materializam, em qual região elas predominam e quais movimentos atuam em cada um destes lugares.

As tabelas, por sua vez, apresentam o quantitativo de ações coletivas, de atuação de movimentos socioespaciais e socioterritoriais, a fonte de imprensa em que a notícia foi vinculada, os tipos de movimentos, dentre outras informações.

Os gráficos são seminais ao relatório, pois apresentam os dados sistematizados de maneira a facilitar a visualização das temporalidades das ações pelos pesquisadores e pesquisadoras, tal como o exemplo abaixo:

Figura 01 – Imagem representando gráfico utilizado nos relatórios da Rede DATALUTA.



Fonte: DATALUTA (2020). Adaptado pelos autores.

Como principal linguagem utilizada para retratar as espacialidades e territorialidades nos relatórios, os mapas são a forma que representamos o mundo em determinado tempo e espaço. Para a Rede DATALUTA, o mapa é um instrumento científico e político, que se apresenta desde uma geografia crítica ou uma ciência crítica, junto aos movimentos socioterritoriais e socioespaciais:

O mapa é a representação do mundo segundo a visão do seu autor, e por isso, é uma elaboração útil a todas as correntes teóricas da Geografia. Para a Geografia Crítica, deve ser compreendido como mais uma forma de discutir as desigualdades socioespaciais e tentar alterá-las. A leitura desconstrucionista do mapa é mais uma justificativa para afirmarmos que o mapa é um instrumento indispensável na elaboração do conhecimento geográfico e permite relacioná-lo diretamente aos fundamentos da Geografia Crítica. (GIRARDI, 2011, p. 7)

Identificar a data e o município é, para nós, parte da metodologia que se faz em movimento, possibilitando não só sistematizar o conhecimento construído, mas propor novos conhecimentos, conceitos e categorias. As fontes são prolíficas para nossa análise, no ano de 2020 e 2021, ocuparam fundamental participação na compreensão do tempo e espaço de maneira relacional. Diversas mídias, sobretudo aquelas dedicadas a produzir notícias sobre e com os movimentos socioterritoriais, obtiveram centralidade no banco de dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca da compreensão das dinâmicas da territorialização – desterritorialização – reterritorialização, o tempo como conceito e o espaço como categoria são fundamentais e indissociáveis no entendimento de uma sociedade onde os movimentos socioterritoriais e socioespaciais são protagonistas de sua história e de sua territorialização. As fontes emergem como recurso fundamental nos estudos do DATALUTA ao ser a síntese das temporalidade e espacialidade de dado momento e revelar ações coletivas nas mais diversas dimensões e escalas.

Por fim a “Tempo e espaço na leitura das ações dos movimentos socioterritoriais e socioespaciais” traz uma síntese do tempo-espaço compreendida nas fontes presentes na pesquisa, permitindo pensar como o sistema de ações e objetos permeado pela temporalidade pontua como substrato das disputas e da materialização das ações dos movimentos socioterritoriais e socioespaciais. As notícias emergem muito além de uma simples comunicação, mas como documentos de dado espaço e tempo histórico que

registram as ações coletivas e manifestam o que para nós é o ponto de partida da pesquisa da análise, mas também a centralidade da metodologia de registro da Rede DATALUTA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a equipe do agrário da Rede DATALUTA que despendeu energia ao fazer uma leitura crítica e atenta sob a coordenação da Joana Tereza Vaz de Moura e as demais áreas representadas por seus coordenadores: Bruna Gonçalves Costa, Nelson Gabriel da Silva Bria e Wilians Ventura Ferreira Souza.

REFERÊNCIAS

CHAYANOV, Alexander. **The theory of peasant economy** (editado por D. Thorner et al.). Manchester: Manchester University Press, 1966. Disponível em: https://vertov14.files.wordpress.com/2016/08/alexander_chayanov_the_theory_of_peasant_economy.pdf. Acesso em 6 jun. 2022.

DATALUTA. **Relatório Dataluta Brasil**. Coordenação Sobreiro Filho, J. Girardi, E. P. - no. 21 (2020). – Presidente Prudente: NERA, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1KBdl2bgwMHwenGWI8ZWDW93foDbTVT9A> acesso em: 06 de outubro de 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, n. 6, p. 24-34, 2005.

FERNANDES, Bernardo. Mançano. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, p. 197-215, 2009.

GIRARDI, Eduardo Paulon. A construção de uma cartografia geográfica crítica. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2008.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR – PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]**. II VIGISAN: relatório final. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2022.

REDE DATALUTA. **Relatório DATALUTA Brasil - 2019**. Presidente Prudente, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1KBdl2bgwMHwenGWI8ZWDW93foDbTVT9A>. Acesso em: 5 jul. 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

PLOEG, Jan Dowe Van der . **Camponeses e impérios alimentares: luta por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre: EST Edições, 2001/2003.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Por una geografía de las territorialidades y las temporalidades: una concepción multidimensional orientada a la cooperación y el desarrollo territorial**. (Biblioteca Humanidades, 36). Ensenada, Buenos Aires: Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (UNLP - FaHCE), 2015. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-460050>. Acesso em 10 nov. 2022.

SOUZA, Vivian. Recordes no agronegócio e aumento da fome no Brasil: como isso pode acontecer ao mesmo tempo? **G1**, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/08/11/recordes-no-agronegocio-e-aumento-da-fome-no-brasil-como-isso-pode-acontecer-ao-mesmo-tempo.ghtml>. Acesso em 21 out. 2022.